

## A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE.

Erika Maria Albuquerque Sousa<sup>1</sup>  
Solange Santana Guimarães Morais<sup>2</sup>

### RESUMO

Diante de uma sociedade que se quer cogitava a ideia de uma separação conjugal, a cearense Francisca Clotilde, em 1902, escreve a obra “A Divorciada”. Sendo a pioneira a abordar o assunto, a autora causou assaz repercussão diante da sociedade cearense da época, pois a lei do divórcio só passou a ser vigorada, no Brasil, em 1977. O romance narra a história de Nazaré, que após ficar enferma e ter que ser levada para o interior para revitalizar sua saúde, acaba se apaixonando por Chiquinho, um matuto do povoado, mas não poderia ser desposada, pois já estava prometida ao primo bacharel, Arthur Pedrosa. Dessa forma, após muito lutar pelo seu casamento e ter consciência de ser uma obra perdida, Nazaré, separa-se, resigna-se e casa-se novamente, só que desta vez, com o homem que sempre amou, Chiquinho. Destarte, o presente trabalho objetiva demonstrar a emancipação da mulher diante de uma sociedade machista, analisando o poder que o patriarcado exercia na vida de esposas e filhas. Possuindo caráter bibliográfico e descritivo, se vale da leitura de autores como: Xavier (1998), Silva (2016), Montenegro (1953) entre outros.

**Palavras-chave:** Divórcio, Francisca Clotilde, Mulheres, Emancipação.

### INTRODUÇÃO

Na virada no século XIX para o XX era muito comum que as mulheres fossem criadas e educadas para serem boas esposas e excelentes donas de casas. Os pais escolhiam seus futuros maridos valendo-se de suas condições sociais e partindo disso, firmava-se um casamento por interesses patrimoniais. Uma situação bastante comum à sociedade da época, demonstrando a força que o patriarcado exercia na vida das mulheres daquela sociedade.

Partindo desse pressuposto, e diante de uma sociedade que se quer cogitava a ideia de uma separação conjugal, a cearense Francisca Clotilde, em 1902, escreve sua obra “A Divorciada”. Sendo a pioneira a abordar o assunto, a autora causou grande

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão- CESC/UEMA, [erikaalbuquerquecescuema@gmail.com](mailto:erikaalbuquerquecescuema@gmail.com);

<sup>2</sup> Solange Santana Guimarães Morais: Doutora em Ciência da Literatura, Universidade Estadual do Maranhão – CESC/UEMA, [sogemorais@gmail.com](mailto:sogemorais@gmail.com);

repercussão diante da sociedade cearense da época, pois a lei do divórcio só passou a ser vigorada, no Brasil, em 1977. O que Otacílio Colares (1996) e Silva (2016) vieram a chamar de cinturão de Gelo:

Datado de 1902, *A Divorciada* é um romance de assaz difícil caracterização. Surgido quando, no Ceará, a escola realista-naturalista se encontrava no auge da preferência dos nossos ficcionistas mais válidos e atuantes, talvez com ele, ou melhor, por certo com ele aconteceu o que antes ocorrera a “*A Rainha do Ignoto*”, de Emília de Freitas: o estabelecimento de uma espécie de cinturão de gelo, um clima pior que o de combate – o da indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora, determinando a quase total ignorância, por parte de várias gerações subsequentes (COLARES, 1996; Silva, 2016, p.2).

Dessa forma, o enredo composto por trinta e sete capítulos narra a história de Nazaré, filha do Coronel Pedrosa que depois de ficar viúvo dedicou todo amor e cuidados à filha mais nova. Esta por estar acometida por tuberculose, doença que não tinha muitos recursos para ser tratada no século XIX, é levada por seu pai e suas duas irmãs à Redenção, interior do Ceará, para revigorar sua saúde, pois acreditavam que o ar puro do campo e o contato com a natureza podiam fazer bem aos tuberculosos, livres da poluição da cidade o tratamento poderia ser mais eficaz.

Quando a moléstia atingiu-a e pesou sobre a casa uma tristeza de morte, um pressentimento negro de fatalidade, e o pai que a idolatrava, ainda mais depois da morte da esposa, curtiu longas torturas em noites de insônia, julgando perder a mais bela esperança de sua vida (CLOTILDE, 1902, p.16).

Durante sua estadia, Nazaré, devido à sua alma piedosa, ajuda as pessoas carentes da comunidade e nesse trabalho, acaba conhecendo Chiquinho, um matuto do povoado, por quem se apaixona. Tendo consciência que jamais poderia ser desposada por este por causa da diferença de suas classes sociais e, ainda, por estar prometida ao primo Bacharel, Arthur Pedrosa, Nazaré acaba sendo privada de viver seu grande amor, ficando obrigada a se casar com Arthur, sem nenhum sentimento, apenas por obrigação e obediência paterna.

Diante de uma pessoa tão pura e resignada, Abelardo Montenegro (1953), alcunha-lhe como "a primeira samaritana da literatura cearense", pois mesmo estando doente, Nazaré procurava ajudar todos do povoado, e antes de se importar consigo, cumpria-lhe o dever de filha, cristã e boa samaritana.

Era uma criatura privilegiada, tinha uma alma de eleição sempre disposta à bondade, procurando ensejo para derramar consolações no sofrimento alheio. Chorava pelos outros, sentia pelas crianças infelizes uma ternura especial. As outras chamavam-na irmã de caridade e ela era realmente digna desse título quando sentava ao colo um pequerrucho que a desgraça orfanara bem cedo e cobria de beijos suas facezinhas esmaecidas onde timidamente apareciam sorrisos que se acentuavam à tepidez daquelas carícias nascidas ao influxo de caridade (CLOTILDE, 1902, p. 16).

Dessa forma, após o casamento, Artur apresenta-se um homem de péssimo caráter, viciado em jogos e bebidas. Afundado em dívidas, passa a roubar e, por isso, foge para o Norte com Glória, prima de Nazaré, deixando-a sozinha com seu filho pequeno para criar. Vivendo em um casamento difícil e pesaroso, destruído por vícios, jogos e bebidas, Nazaré tentava de todas as formas ser uma esposa resignada e esconder de todos o que vivia em casa, principalmente de seu pai.

Olha-o com uma expressão indefinível e não pode conter duas lágrimas impetuosas que lhe queimaram as faces. O marido voltava ao jogo, atirar-se-ia de novo à embriaguez. E fora para salvá-lo desses vícios que ela se casara. Havia de salvá-lo de novo. Era o pai de seu filho contava que Deus havia de protegê-la.(...) Resignou-se a sofrer calada, e no outro dia ao entrar em casa do pai aparentou o mesmo ar prazenteiro dos bons tempos. Não queria absolutamente que ninguém desconfiasse do seu sofrimento (CLOTILDE, 1902, p.176).

No entanto, o pai vendo o sofrimento da filha e sentindo-se culpado por todo o mal e martírio que esta sofria, resolveu divorciá-la e trazê-la de volta ao aconchego do lar paterno. Mesmo Nazaré se recusando ao divórcio, por acreditar que era sua obrigação como esposa e mãe, ficar ao lado do pai de seu filho, aguentando todo o sofrimento que lhe era causado, com resignação e esperança que algum dia esta realidade mudasse.

- Devias requerer o divórcio rompendo de uma vez os laços que te prendem àquele miserável.
- Oh! Meu pai, não fale assim! Ele é o pai de meu filho e eu, no caráter de sua esposa, tenho o dever de socorrê-lo e de trata-lo em casos como este em que se encontra agora. Abandoná-lo quando ele expia os desvios de uma vida viciosa, à míngua do socorro dos homens, seria de minha parte uma ação revoltante, e eu jamais praticarei assim (CLOTILDE, 1902, p. 250).

Pouco após a separação, Artur vem a falecer vitimado pela tuberculose, somente após dois anos viúva Nazaré casa-se com Chiquinho. Conseguindo enfim, emancipar-se de uma união infeliz e de toda preocupação que tinha sobre a repercussão que um segundo casamento poderia causar diante da sociedade cearense da época. Portanto, a realização deste trabalho valeu-se de estudos bibliográfico e descritivos, destacando-se teóricos como: Xavier (1998), Silva (2016), Montenegro (1953) entre outros.

## **METODOLOGIA**

Análise e discussão da obra, assim como pesquisa bibliográfica referente à autora e ao contexto em que o livro foi publicado. Realização de leituras de teóricos e referências que tratassem sobre os temas estudados, destacando-se entre eles o divórcio, a emancipação das mulheres, a literatura cearense e temas relacionados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Francisca Clotilde inicia seu romance de uma forma bastante intrigante, alertando seu leitor benévolo que o enredo apresentado não é algo novo, que assim como todos os romances ela irá tratar sobre o amor de duas criaturas que se amaram com pureza e que antes de, finalmente, poderem comungar seus sentimentos, sofreram as consequências dessa paixão. Como pode ser observado no trecho:

Não pense o leitor benévolo que vai ter diante dos olhos um romance de cenas aparatosas, cheios de peripécias emocionantes e lances extraordinários. É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada (CLOTILDE, 1902, 10).

Dessa forma, alertando o leitor para que não se crie expectativas, a autora acaba instigando a leitura, pois ao reprimir, acaba incentivando o interesse em saber o que está por trás de tal fala. Diante disso, pode-se observar já no título do romance “A divorciada” e pelo contexto em que foi publicado, final do século XIX e início do século XX, que está permeado de uma crítica à sociedade da época.

De tal maneira, Francisca Clotilde aborda alguns pontos que eram muito comuns à época, como o consentimento e aceitação das decisões proferidas pelos pais e esposos, a mulher sendo vista como um objeto de enfeite, esquecendo – se que ela é um ser humano que possui livre arbítrio e que tem poder de escolha, a preservação do nome social sob quaisquer circunstâncias e, não obstante, o casamento por interesse. Pois,

O casamento, para a maioria dessas mulheres, era uma missão e não um ato amoroso que objetivasse o prazer. Aprendiam com as mães a serem obedientes e submissas à vontade de seus pais, como teriam que ser, no futuro, à vontade de seus maridos. Sua felicidade consistia em ter levado essa missão até o fim e morrer cercada do carinho dos filhos e netos e do respeito de seu marido (LEAL, 2004, p. 171).

A autora critica também o preconceito entre classes sociais, pois como o Bacharel possuía nome e status, o pai de Nazaré, nem contestou a ideia do casamento, fazendo a filha casar-se com um homem a quem ela não amava. Sofrendo assim as consequências de um casamento ruim, destruído pelos vícios de jogos e bebidas. Uma situação muito comum não só na sociedade do século XX como também nos dias atuais.

Segundo Oliveira (2000), apesar de Nazaré emancipar-se de uma união pesarosa, isso não seria possível sem a figura de seu pai. Pois este decide o seu casamento e esse a separa, mostrando a força que o patriarcado exercia na vida de esposas e filhas. Demonstrando assim, que embora exista o desejo de mudança e emancipação por parte do feminino, isso só seria possível se o patriarcado tivesse compaixão e compartilhasse desse desejo de revolução e libertação.

No entanto, o divórcio, pioneiro como tema do romance cearense, somente ocorre, n<sup>o</sup> “A Divorciada”, em condições extremas e, ainda assim, decidido pelo pai da protagonista. Ou seja, apesar do título polêmico à época e dos dados biográficos de sua autora, trata-se de um romance conservador, que não rompe com o poder patriarcal. Um romance, enfim, profundamente marcado pelos cânones católicos, traduzidos também nas recompensas e castigos finais distribuídos,

respectivamente aos personagens bons e maus” (Oliveira 2000, p. 113).

Por conseguinte, o papel da mulher resignada e católica aos preceitos bíblicos de uma boa esposa também reforçavam a atitude de passividade diante de circunstâncias como a que Nazaré se encontrava. A igreja estabelece princípios que devem ser seguidos “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá (ÊXODO 20:12)”, e nessa interpretação está incumbido o respeito por suas decisões, também. Outrossim, Abelardo Montenegro destaca:

Implicitamente, o romance não faz apologia ao divórcio. Ao contrário, tacitamente condena-o. O drama conjugal encontra remédio na resignação cristã. A mulher deve confiar na justiça divina que pode tardar, mas chega finalmente (MONTENEGRO, 1953, p, 111).

Diante do contexto da época, final do século XIX e início do século XX, a mulher ainda não possuía tanto poder de voz e livre arbítrio, pois aquelas que tentassem desafiar as decisões do patriarcalismo eram vistas como rebeldes e por vezes acabavam sendo castigadas. Dessa forma, ser uma esposa/filha resignada era o que cabia à personagem, aguentando todo o martírio com paciência, porquanto, mantendo-se ainda a reputação de uma união feliz, saudável e livre de desconfianças.

Assim, mesmo inconformada com seu destino, Nazaré, buscava resignação na fé, acreditando tacitamente na justiça divina, e por respeito ao seu pai, coronel Pedrosa, aceitava todas as negligências que Arthur apresentava como pai e marido. Ainda que amasse Chiquinho, resguardava seus pensamentos por encontrar consolo na religião.

Quantas súplicas levantadas todos os dias ao Deus bondoso para que desviasse o marido do mal! Ele não escutara a prece fervorosa, queria acrisolar su'alma virtuosa na adversidade. Era cristã, resignava- -se. Tinha de viver dali em diante totalmente sequestrada do mundo ocupando a mais triste posição na casa paterna. Quantos comentários se faziam a respeito dela! (CLOTILDE, 1902, p.206).

Destarte, segundo Fischer (2001), a religião assumiu um papel de fundamental importância para que preservasse a manutenção dos valores que compõem o sistema patriarcal, pois, valendo de suas restrições, acrescentou temores associados às consequências da desobediência, além da ideia de recompensa ou do castigo eterno (céu

e inferno), uma vida em pecado poderia acarretar em uma série de punições e misérias, como consequência do castigo divino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Francisca Clotilde foi o marco inicial a tratar sobre o direito das mulheres se separarem, em uma sociedade em que discutir ou propor o divórcio era considerado um escândalo e uma vergonha para os envolvidos. A frente de seu tempo e das ideias aceitas por aquela sociedade, a autora revelou por meio de seu livro toda a amargura que uma mulher precisa viver para se manter vinculada a um casamento difícil e pesaroso.

Divorciada! Esta palavra fatídica vinha ao espírito da Nazaré logo pela manhã quando despertava e o sorriso do filho lhe envia um bom dia dulcificante e cheio de esperanças e de paz. Quebrara todos os laços que a uniam ao marido; mas seu coração igualmente se despedaçara. Que terrível desenlace tivera o seu casamento! Perguntava a si mesma no silêncio, recolhida e desolada, o que havia feito para merecer tão rude castigo, e a sua consciência de nada a exprobase. Repousava serena na certeza do dever cumprido (CLOTILDE, 1902, p.220).

Dessa forma, a escritora defende a trajetória de sua própria vida, defendendo o direito das mulheres se separarem quando seus companheiros se apresentarem ausentes ao exercício de suas obrigações matrimoniais. Portanto, narrando um romance que apesar da personagem principal, Nazaré, se sentir incomodada com a situação, só consegue sair deste porque o pai interviu e a livrou. Representando assim, como a força do patriarcalismo era presente, mas que apesar de tudo, mostra a emancipação da mulher.

## AGRADECIMENTOS

É de fundamental importância que se teça agradecimentos à Fundação Demócrito Rocha (FDR) por ter oferecido o curso de Literatura Cearense em formato digital, com professores capacitados e comprometidos, possibilitando assim com que estudantes de todas as regiões do Brasil pudessem ter acesso à literatura do Ceará.

Como também aos coordenadores deste evento, possibilitando a oportunidade de expor este trabalho, e aos demais colaboradores que fizeram com que este estudo acontecesse.

## REFERÊNCIAS

MACEDO, Dimas. **Literatura Feminina Cearense** – Introdução. Disponível em: <http://dimasmacedo.blogspot.com/2012/08/literatura-feminina-cearense-introducao.html>

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletrista e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense - de 1862 a 1935**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2012.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

CLOTILDE, Francisca. **A divorciada**. Ceará: Typ. Moderna a vapor - Ateliers Louls 71, RUA' FORMOSA, 71, 1902.

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo; CASTRO, Carla. **Mulheres Escritoras: As pioneiras do século XIX**. Disponível em: <https://cursos.fdr.org.br/course/view.php?id=31#section-4> Acesso em: 08 jun.2020.

SILVA, Régia Agostinho da. Francisca Clotilde: Entre a permanência e a ruptura. **Revista de História e Estudos Culturais**. Janeiro – junho de 2016. Vol.13 Ano XIII nº1. Disponível em [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br) acesso em: 20 agosto de 2020.

COLARES, Otacílio. “A Divorciada de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido”. Prefácio da 2ª ed. de **A Divorciada de Francisca Clotilde**. Fortaleza: Editora Terra Bárbara, 1996.

MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953.

OLIVEIRA, Catarina de Saboya. **Fortaleza: seis romances, seis visões**. Fortaleza: EUFC, 2000, p. 113.

ROCHA, Marijara Oliveira da. A permanência dos estereótipos femininos em a divorciada, de Francisca Clotilde. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40114/1/2018\\_capliv\\_morocho.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40114/1/2018_capliv_morocho.pdf)

LEAL, José Carlos. A maldição da mulher: de Eva até os dias de hoje. São Paulo: DPL - Editora e distribuidora de livros LTDA, 2004.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista Estudos Feministas, 2001,9 (2), 586-599.

